

Ponencia presentada a: GT 1 Comunicación Intercultural y Folkcomunicación

Folkcomunicação e o Día de los Muertos na Cidade do México

Folkcomunicación y el Día de los Muertos en la Ciudad de México

Folkcommunication and the Día de los Muertos in Mexico City

BOTELHO, Daira Martins¹¹⁴

DARCIE, Marina¹¹⁵

Resumo: O México foi colonizado pela Espanha e, por conta do choque entre as culturas, o sincretismo social e religioso é bastante visualizado nas festas e costumes do território. A mescla entre o medo e o fascínio pela morte são visualizados na festa mais popular mexicana, o Día de los Muertos, comemorada em praticamente todo o país. A proposta deste trabalho é entender as significações dessa celebração tendo como escopo de análise a *Procesión de las Catrinas* e o *Desfile del Día de los Muertos* e amparar a discussão suscitada na teoria da Folkcomunicação.

Palavras-chave: Comunicação, Cultura, Folkcomunicação, Día de los Muertos.

Resumen: México fue colonizado por España y, por el choque entre las culturas, el sincretismo social y religioso es bastante visualizado en las fiestas y costumbres del territorio. La mezcla entre el miedo y la fascinación por la muerte se ven en la fiesta más popular mexicana, el Día de los Muertos, conmemorada en prácticamente todo el país. La propuesta de este trabajo es entender las significaciones de esa celebración teniendo como objetivo de análisis la *Procesión de las Catrinas* y el *Desfile del Día de los Muertos* y amparar la discusión planteada en la teoría de la Folkcomunicación.

Palabras Clave: Comunicación, Cultura, Folkcomunicação, Día de los Muertos.

Abstract: Mexico was colonized by Spain and, due to the clash between cultures, social and religious syncretism is well visualized in the festivities of the territory. The mixture between fear and fascination with death is seen in the most popular Mexican event, *Día de los Muertos*, celebrated in practically the whole country. The purpose of this work is to understand the significance of this celebration having as a scope of analysis the *Procesión de las Catrinas* and the *Desfile del Día de los Muertos* and to support the discussion aroused in the theory of Folkcomunicação.

Key words: Communication, Culture, Folkcomunicação, Día de los Muertos.

El culto a la vida, si de verdade es profundo y total, es también culto a la muerte. Ambas son inseparables. Una civilización que niega la muerte, acaba por negar a la vida.

Octavio Paz¹¹⁶

Introdução

O México é um país colonizado pelos espanhóis e carrega em seus processos sociais e comunicativos uma mescla das culturas de ambos os territórios. É possível observar o sincretismo cultural nesse espaço no tradicional Día de los

¹¹⁴ BOTELHO, Daira Martins – Jornalista, mestra em Comunicação Midiática e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Bauru – SP, Brasil. Bolsista CAPES. Integrante do grupo de Pesquisa PCLA - Pensamento Comunicacional Latino-Americano. E-mail: dairarmb@yahoo.com.br.

¹¹⁵ DARCIE, Marina – Radialista, mestra em Comunicação Midiática e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus Bauru – SP, Brasil. Integrante do grupo de Pesquisa PCLA - Pensamento Comunicacional Latino-Americano. E-mail: marina_paula_darcie@hotmail.com.

¹¹⁶ “O culto à vida, se realmente é profundo e total, é também culto à morte. Ambas são inseparáveis. Uma civilização que nega a morte, acaba por negar a vida.” (Tradução nossa). Trecho retirado do livro *El labirinto de la soledad*, 1999, p. 65.

Muertos. Essa festividade é uma celebração que ocorre no país anualmente em que os indivíduos comemoram a volta de seus entes queridos já mortos para uma visita. A relação dúbia que os mexicanos mantêm com a morte – algo entre o medo e o fascínio – é resultado da cultura indígena dos povos nativos daquele espaço com a cultura dos espanhóis educados sob a égide do catolicismo.

Com base nas teorias da Folkcomunicação, acredita-se ser possível compreender a combinação entre as culturas e as significações resultantes de processos que não são finitos. É interessante notar que a relação dos indivíduos com a morte originou signos comunicativos passíveis de leitura e, com essa finalidade, propõe-se a observação de dois eventos relacionados diretamente ao Día de los Muertos mexicano, ocorridos na Cidade do México: a Mega Procesión de las Catrinas e o Desfile del Día de los Muertos.

A morte no México

A colonização do México possui uma grande diferença em relação à colonização em outros territórios, como, por exemplo, a brasileira. Dentre alguns dos motivos estão o objetivo, já que, diferentemente de um final extrativo, o México se tornou parte do território espanhol e muitos de seus habitantes foram viver na nova colônia, chamada de Nova Espanha.

Outra questão importante foi a visão religiosa que passou a imperar no território mexicano desde a chegada desse povo, resultado do sincretismo entre as culturas que se chocaram.

Entretanto, muitos dos costumes mexicanos continuaram presentes, resistindo ao tempo e às intervenções dos colonizadores. “(...) O México antigo não conhecia o conceito de inferno” (tradução nossa)¹¹⁷ e por isso a morte era vista de forma diferente à crença derivada do catolicismo.

A forma pela qual os mexicanos passaram a ver a morte desde a colonização influenciou bastante no que se pode ver atualmente em suas manifestações: um misto de veneração misteriosa aliada à não finitude da vida – herança dos indígenas e suas tradições relacionadas aos deuses – com um medo que lhes foi inculcado por meio da instauração da religião católica pelos espanhóis.

Essa relação dúbia foi descrita por Octavio Paz em sua crônica *Todos Santos, Día de Muertos*:

Para os habitantes de Nova Iorque, Paris ou Londres, morte é palavra que jamais se pronuncia porque queima os lábios. O mexicano, ao contrário, a frequenta, zomba dela, a acaricia, dorme com ela, a festeja, é um dos seus brinquedos favoritos e seu amor mais permanente. De fato, em sua atitude há tanto medo como nos outros, mas, ao menos, não se esconde e nem a esconde; contempla-a cara a cara com impaciência, desdém ou ironia. (Tradução nossa)¹¹⁸

Día de los Muertos

Um dos exemplos mais significativos do sincretismo que aconteceu entre os mexicanos e os espanhóis se converteu em um dos eventos mais importantes na atualidade e de renome internacional, o Día de los Muertos. Festividade realizada em praticamente todo o país – cada região com sua particularidade – que abrangem grupos como os cuicatecos, ixiles e maias¹¹⁹.

Como herança católica, observa-se a implementação da data na data cristã estabelecida para o dia de “todos os santos” e também dos “fiéis defuntos”, celebrados nos dias 01 e 02 de novembro, diferentemente da época pré-hispânica, quando os indígenas celebravam o culto aos mortos de acordo com seu calendário agrícola, ou seja, a época das colheitas. Mesmo com a mudança, os costumes indígenas continuaram presentes na manifestação, como a fartura alimentar – que

¹¹⁷“El México antiguo no conocía el concepto del inferno.” (WESTHEIM, 1983, p. 10).

¹¹⁸Para el habitante de Nueva York, Paris o Londres, la muerte es la palabra que jamás se pronuncia porque quema los labios. El mexicano, en cambio, la frecuente, la burla, la acaricia, duerme con ella, la festeja, es uno de sus juguetes favoritos y su amor más permanente. Ciertamente, en su actitud hay quizá tanto miedo como en la de los otros; mas al menos no se esconde ni la esconde; la contempla cara a cara con impaciencia, desdén o ironía”. (PAZ, 1999, p. 63)

¹¹⁹Grupos que realizan festividades para los muertos: “muzgos, atzincas, coras, cuicatecos, chatinos, chichimecas-jonaz, chinantecos, chocho-popolocas, choles, chontales de Oaxaca y Tabasco, huastecos o teneek, huaves, huicholes, ixcatecos, ixiles, jacaltecos, matlatzincas, mayas, lacandones, mayos, mazahuas, mazatecos, mixes, mixtecos, motozintlecos, nahuas, pames, popolucas, purépechas, tepehuas, tepehuanos, tlapanecos, tojolabales, totonacas, triques, tzeltales, tzotziles, yaquis, zapotecos y zoques.” (CONACULTA, 2006, p. 16-17).

garantia a fartura também na outra vida (VILLASEÑOR; CONCONE, 2012). Assim, afirma-se que a celebração é “(...) uma representação da identidade, uma recriação das origens de um povo sincrético e sintético. Sintetizam-se, somam-se, os corpos e as ideologias, sistemas culturais, mesclando não só nossas características físicas, mas também nossas mentalidades e saberes.” (Tradução nossa)¹²⁰.

Nesta festa é possível enxergar a forma como o mexicano lida com a morte, com uma espécie de devoção; além da maneira como convive com seus mortos quando se prepara para recebê-los com suas oferendas que estão repletas de alimentos, fotos e itens dos quais seus mortos gostavam.

Trata-se realmente de uma celebração diferente da morte, tendo em vista a tradição brasileira do dia de finados, quando o costume é ir ao cemitério e prestar homenagem aos mortos. No caso mexicano, essa homenagem não é triste: mostra a alegria em estar com seus entes falecidos novamente nessa época do ano. Por isso, “(...) atualmente é a festa em que a morte invade a vida e a vida invade a morte, como dois movimentos do mesmo evento.” (VILLASEÑOR; CONCONE, 2012, p. 40), o que mostra a força da tradição indígena no México, que conseguiu conservar essa relação, mesmo com a intervenção espanhola cristã.

Mega Procesión de las Catrinas

De acordo com Cruikshank (2007), José Guadalupe Posada é conhecido como “o noivo da morte” devido às gravuras que produziu durante sua trajetória profissional. Além de incluir o humor em suas obras, Posada também foi o responsável por mostrar o ponto de vista das camadas populares, focando no popular frente às personalidades da sociedade mexicana. Entre os elementos sempre presentes em seus desenhos, livros, jornais, e cancioneros estavam a religiosidade, brutalidade, injustiça, fantasia e a política marcadas por denúncias contra a violência, mas com destaque para os elementos humorísticos, muitas vezes representados pelas caveiras.

Sua gravura mais conhecida é La Catrina Garbancera, um esqueleto de uma mulher com um grande chapéu e que foi utilizada por Posada para representar as mulheres da alta sociedade mexicana do início do século XX, ou mesmo àquelas que gostariam de fazer parte desse círculo social e, para isso, tentavam imitar as damas.

Figura 1. La Catrina Garbancera de José Guadalupe Posada.



Fonte: acervo pessoal.

Como artista capaz de mostrar outro ponto de vista em relação às mudanças que aconteciam no México do século XIX, Posada serviu de inspiração para seus contemporâneos e também que o sucederam.

É possível mostrar uma faceta da Folkcomunicação que se evidencia na construção do que viria a ser, na contemporaneidade, uma alusão ao que Posada criou. Assim como os cordéis estudados no Brasil, as gravuras de Posada mostram que se tratava de um líder de opinião que, por meio de seus desenhos, foi capaz de mostrar e denunciar a situação pela qual a população estava passando. Beltrão afirma que, no Brasil, nosso sistema discriminatório foi um dos responsáveis pela criação de códigos populares para que os grupos pudessem se comunicar, ou seja, “(...) a massa camponesa, as populações marginais urbanas e até mesmo extensas áreas proletárias se comunicam por meio de um

¹²⁰“(…) es una re-presentación de la identidad, una re-creación de los orígenes de un pueblo sincrético y sintético. Se sintetizan, suman, los cuerpos, somas, y las ideologías, sistemas culturales, mestizando no sólo nuestras características físicas, sino también nuestras mentalidades y saberes.” (CONACULTA, 2006, p. 32).

vocabulário escasso e organizado dentro de grupos de significados funcionais próprios.” (BELTRÃO, 2004, 38-39). Essa massa à qual Beltrão se refere também pode ser lida como a população mexicana, que teve em Pousada seu porta-voz, capaz de mostrar, neste caso por meio de La Catrina, como o povo pensava e de que maneira via a sociedade mexicana que estava se estabelecendo.

La Catrina de Posada foi uma inspiração para o pintor muralista Diego Rivera, que a colocou em uma de suas obras: *Sueño de una tarde dominical en la Alameda Central*, na qual mostra o contraste entre a figura - representada com roupas espalhafatosas e destoantes – e todo o restante dos personagens.

Figura 2. Mural *Sueño de una tarde dominical en la Alameda Central*, de Diego Rivera



Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/-rg62-P-BEEw/VC3SPOMdyPI/AAAAAAAAADVI/bqXZEvonXbw/s1600/sueno-de-una-tarde-dominical-en-la-alameda-1947.png>

Atualmente La Catrina segue sendo inspiração para mostrar o México ao mundo, pois ela é o mote para a Procesión de las Catrinas, evento que dá início às comemorações do Día de los Muertos na Cidade do México. Organizada pelo grupo Mega Body Paint México (autointitulado uma organização não-governamental e criado em 2014), a Procesión acontece desde 2014. De acordo com sua página no Facebook, o grupo se considera

(...) uma organização artística multidisciplinar na qual convergem artistas visuais, telas vivas, fotógrafos, entre outras aticidades. Um dos eixos básicos é a educação... Fomentar o respeito pelo corpo humano e diminuir a morbidade nas novas gerações, mostrando o belo da arte corporal no ramo Body Paint. A educação e a reeducação no México também é nossa tarefa. (Tradução nossa)¹²¹

O evento é todo organizado pela ONG, que chama o público para ajuda-los em todas as etapas pelas redes sociais, bem como os informes à imprensa, que foi chamada para participar de uma conferência para tratar do evento.

¹²¹Trecho retirado do endereço: https://www.facebook.com/pg/MEGA-BODY-PAINT-M%C3%A9xico-1491197991114272/about/?ref=page_internal. “Mega Body Paint México es una organización artística multidisciplinaria en la cual convergen artistas visuales, lienzos vivos, fotógrafos entre otras actividades. Uno de los ejes base es la Educación... Fomentar el respeto por el cuerpo humano y disminuir el morbo en las nuevas generaciones mostrando lo bello del arte corporal en la rama del Body Paint. La Educación y re educación social también es tarea nuestra. Mega Body Paint México.”.

Figura 3. Convite à imprensa.



Fonte:

<https://www.facebook.com/1491197991114272/photos/a.1493138330920238.1073741831.1491197991114272/2041272372773495/?type=3&theater>

A primeira edição teve a presença de aproximadamente 1500 pessoas, já em 2016, o número passou para 16 mil¹²². Em 2017 a expectativa foi de 30 mil pessoas e o evento já tem data para 2018, será realizado no dia 21 de outubro.

Desfile del Día de los Muertos

Já o Desfile, diferentemente da Procesión – de caráter autônomo, faz parte da agenda do governo da Cidade do México entre as celebrações a serem prestigiadas pelo público¹²³.

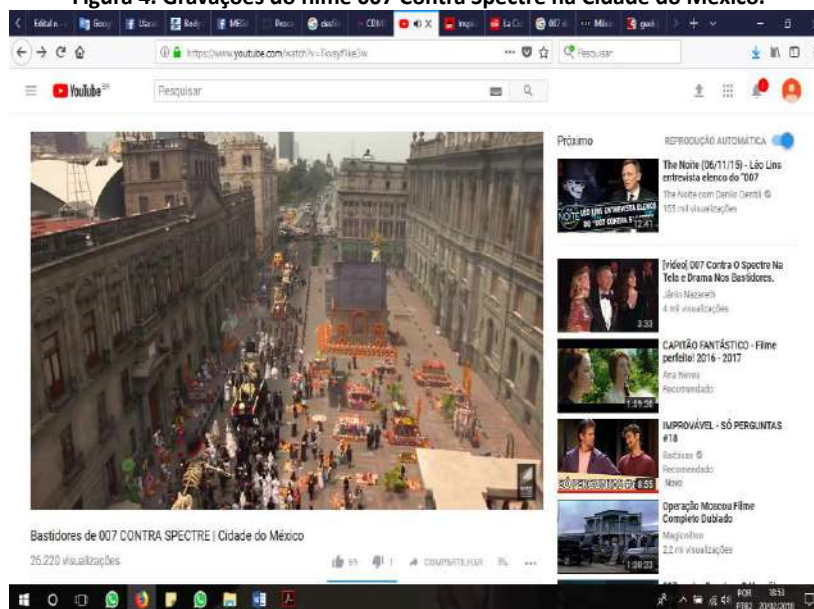
É pertinente destacar que esse desfile não fazia parte do roteiro relacionado ao Día de los Muertos até o ano de 2016. Apesar de toda a tradição do culto à morte que acontece no México, a inclusão do Desfile no calendário ocorreu por conta de um elemento externo: o lançamento do filme *007 Contra Espectre*, lançado nos Estados Unidos em novembro de 2015¹²⁴ e que traz, nas cenas de abertura, o personagem principal em uma aventura que se passa em um desfile do Día de los Muertos na capital mexicana.

¹²²Dados disponíveis em: <https://donadora.mx/projects/mega-procesion-de-las-catrinan-2017>.

¹²³Tal conteúdo pode ser acessado em: <http://www.cdmx.gob.mx/vive-cdmx/post/celebracion-dia-de-muertos-2017>.

¹²⁴Informações e ficha técnica disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-206892/>.

Figura 4. Gravações do filme 007 Contra Spectre na Cidade do México.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Tkvsyf1ke3w>.

A iniciativa aconteceu, sim, após a exibição do filme, que levou as autoridades à viabilizarem a realização do Desfile. Em entrevista à CNN, Alejandra González Anaya (uma das diretoras criativas), afirmou que “como resultado do filme de James Bond decidimos tomar vantagem diante dos holofotes e colocar na rua a grande oferta que damos a nossos mortos.” (Tradução nossa).¹²⁵ Já para a BBC, a diretora executiva da Junta de Turismo de México, Lourdes Berho, disse que havia uma grande expectativa devido ao filme: “sabíamos que isso ia gerar um desejo por parte dos mexicanos e turistas para vir e participar de uma celebração ou um grande desfile.” (Tradução nossa)¹²⁶

No ano de sua estreia, 2016, o Desfile do Día de los Muertos teve 250 mil pessoas, número que quadruplicou no ano de 2017, com um público de um milhão de pessoas, de acordo com os dados¹²⁷ do governo mexicano.

Considerações finais

O Día de los Muertos se configura em um “(...) conjunto de práticas e tradições que prevalecem em torno das celebrações dedicadas aos mortos (...), que hoje constitui um dos costumes mais vigorosos e dinâmicos do México.” (Tradução nossa)¹²⁸. Justamente por isso corresponde a um aspecto cultural em constante transformação, mudança essa que pode estar nos mais diferentes elementos da sociedade. No entanto, a título de esclarecimento, de acordo com a historiadora Yolanda García González (INFORMAÇÃO VERBAL)¹²⁹, a retomada do uso das catrinas como elemento de identificação mexicana é uma dinâmica recente, mesmo que nunca tenha deixado de existir no imaginário do país.

A Mega Procesión de las Catrinas é um exemplo que se pode enquadrar na folkcomunicação devido ao seu caráter popular, que consegue se organizar aquém dos meios massivos. Mesmo tendo a cobertura do evento realizada pelas principais mídias da Cidade do México, a convocação das “catrinas” é realizada pelas redes sociais e também por

¹²⁵“Como resultado del filme de James Bond decidimos tomar ventaja de los reflectores y poner en la calle la gran oferta que le damos a nuestros muertos”. Matéria disponível em: <http://cnnespanol.cnn.com/2016/10/28/la-ciudad-de-mexico-copia-a-spectre-y-realiza-su-primero-desfile-del-dia-de-muertos/>, 2016.

¹²⁶“Sabíamos que esto iba a generar un deseo por parte de los mexicanos y turistas para venir y participar en una celebración o un gran desfile”. Matéria disponível em: <http://www.bbc.com/mundo/noticias-37813219>, 2016.

¹²⁷Dados disponíveis em: <http://www.cdmx.gob.mx/comunicacion/nota/reune-celebracion-de-dia-de-muertos-250-mil-personas-en-cdmx/> / <http://www.cdmx.gob.mx/comunicacion/nota/mas-de-un-millon-de-personas-asisten-la-celebracion-del-dia-de-muertos-2017-en-la-cdmx>.

¹²⁸“El conjunto de prácticas y tradiciones que prevalecen en torno a las celebraciones dedicadas a los muertos, tanto en las ciudades como en un gran número de poblaciones rurales, hoy constituye una de las costumbres más vigorosas y dinámicas de México.” (CONACULTA, 2006, p. 18).

¹²⁹ Entrevista concedida à autora em outubro de 2017.

meios alternativos como sites e *blogs*, reiterando a afirmativa de Beltrão de que essas informações veiculadas por meios alternativos têm “(...) tanta importância comunicacional quanto aquelas difundidas pelos *mass media*.” (BELTRÃO, 2004, p. 16). Além de levar as pessoas à uma ação efetiva para promover sua cultura.

O caminho inverso pode ser visto na criação do Desfile do Día de los Muertos, pois, ao mesmo tempo, a influência de um *blockbuster* hollywoodiano na agenda festiva do México mostra como as mídias – neste caso, o cinema – tem um grande apelo e pode ser responsável pelo agendamento cultural, em um movimento cíclico. Marques de Melo faz um questionamento em relação à “roupagem hollywoodiana” (2008, p. 71) em relação ao carnaval, e traz questionamentos pertinentes como a influência externa afeta as manifestações populares, já que a mídia pode atuar como projetora de tal cultura.

No caso do Desfile do Día de los Muertos pode-se ver realmente de que maneira uma mídia pode projetar uma cultura – por meio do filme e independentemente do motivo pelo qual o governo mexicano decidiu incluir o evento em sua agenda¹³⁰. Nesse sentido, Marques de Melo pontua que a agenda midiática contemporânea “(...) também podem funcionar como alavancas para a renovação dos modos de agir, pensar e sentir”, e ainda reitera que

“(...) o folclore midiático possui dupla face. Da mesma forma que assimila ideias e valores procedentes de outros países, preocupa-se com a projeção das identidades nacionais, exportando conteúdos que explicitam as singularidades dos povos aspirantes a ocupar espaços abertos no panorama global.” (MELO, 2008, p. 41-42)

Foi dessa maneira que o México viu uma de suas tradições ter um alcance global e resolveu aproveitar a chance para, também, mostrar sua cultura para o mundo.

Por fim, sintetiza-se que possível observar a prática folkcomunicação em um mundo digitalizado, em uma rede social, levando transformações sociais e culturais, como a Mega Procesión de las Catrinas. Em contrapartida, com o Desfile do Día de los Muertos, pode-se constatar o movimento contrário, de uma mídia levando, também, à mudança social e cultural, o que indica que não existe somente um fluxo a ser percebido, mas que existem mais nuances e caminhos que podem ser traçados a partir desses dois polos.

¹³⁰ Neste caso, vê-se claramente que o motivo para a realização do Desfile foi o atrativo turístico que eles viram explorados pelo filme.

Bibliografía

ALVES, J. B. (2015). Um brinde à identidade, à diversidade e à alteridade: um passeio pelo mundo dos mortos no sul do México. *Abehache*. Vol. 8, 53-72. Disponível em: <http://revistaabehache.com.br/index.php/abehache/article/viewFile/177/176>.

BELTRÃO, L. (2004) *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: UESP.

CONACULTA. (2006). Patrimonio Cultural y Turismo. Cuadernos 16. *La festividad indígena a los muertos en México*. Consejo Nacional para la Cultura y las Artes / Coordinación Nacional de Patrimonio Cultural y Turismo – CONACULTA. Disponível em: http://www.cultura.gob.mx/turismocultural/publi/Cuadernos_19_num/cuaderno16.pdf.

CRUIKSHANK, G. A. (2007). *La Muerte y el Humor en Mexico: Joaquin Bolanos, Jose Guadalupe Posada, Elena Garro y Octavio Paz*. Tese de doutoramento. The University of Arizona. Disponível em: http://arizona.openrepository.com/arizona/bitstream/10150/195577/1/azu_etd_2232_sip1_m.pdf.

GÓMARA, F. L. (2007). *Historia de la conquista de México*. Fundación aBiblioteca Ayacucho, Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho. Disponível em: <http://biblioteca.org.ar/libros/211672.pdf>

LEMO, M. T. T. B. (2009). *Práticas religiosas e representações simbólicas – Festas e ritualidades: O Dia dos Mortos no México*. Trabalho apresentado no ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0118.pdf>.

MELO, J. M. de. (2008). *Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*. São Paulo: Paulus.

PAZ, O. (1999). *El laberinto de la soledad, Postdata, Vuelta a El Laberinto de la Soledad*. 3ª ed. México: FCE.

TAPIA, M. A. S. (s/d) *Culto a los muertos*. Disponível em: <http://web.uaemex.mx/identidad/docs/cronicas/TOMO%20IX/MUERTOS.pdf>

VILLASEÑOR, R. L.; CONCONE, M. H. V. B. (2012). A celebração da morte no imaginário popular mexicano. *Kairós Gerontologia*. Vol. 15, Número especial 12, 37-47. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17036/12642>.

WESTHEIM, P. (1983). *La calavera*. Trad. Mariana Frenk. México: FCE.